

MÜLLER, Friedrich Max. **Introdução à Ciência da Religião**. Tradução de Brasil Fernandes de Barros; editoração e comentários críticos de Fabiano Victor Campos. Belo Horizonte: Senso, 2020, 444 p. (Clássicos em Ciência da Religião). ISBN: 978-65-88053-07-7¹.

Marina de Oliveira Lúcio*

Em 2020 foi publicada pela editora Senso em parceria com a PUC Minas a primeira tradução brasileira do livro *Introdução à Ciência da Religião* que contém as *preleções* (Figueiredo, 2021) de Friedrich Max Müller, professadas em 1870 no *Royal Institute of London*, publicadas originalmente pelo periódico londrino *Fraser's Magazine* sob título de *Lectures on the Science of Religion*. Dentre a equipe responsável pela publicação destacamos o tradutor da obra, Brasil Fernandes de Barros, o editor, Fabiano Victor Campos, e o organizador da coleção Flávio Senra, que integram o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela PUC Minas, enquanto discente e docentes respectivamente. Esse destaque deve ser feito uma vez que suas vozes são presença marcante durante o livro. Além da Apresentação inicial assinada pelo organizador, tradutor e editor não se bastam na Nota do Tradutor e no Prefácio à Versão Brasileira, ocupando grande espaço nas notas de rodapé, com ênfase nas notas do editor que são de volume e conteúdo extenso, muitas vezes misturando explicação e interpretação do texto. A voz do tradutor, na verdade, permeia toda a obra pois, mesmo com o cuidado e respeito pelas palavras de Müller, nem sempre seu tom subjetivo é

¹ Vale esclarecer que durante o período de escrita, edição e publicação da presente resenha, já se adiantava uma nova edição da obra pela editora Paulinas. A nova edição, publicada em agosto de 2024, foi revisada em parceria com os Programas de Pós-graduação em Ciência (s) da Religião da PUC-Minas e PUC-SP. O que será objeto de nova resenha de nossa parte no futuro.

Resenha submetida em 03 de maio de 2021 e aprovado em 03 de agosto de 2024.

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela PUC Minas. Graduada pela Faculdade de Psicologia da PUC Minas Campus Poços de Caldas. País de origem: Brasil. Bolsista Capes. ORCID: 0009-0005-6194-3613. E-mail: marinalucio.psi@gmail.com.

retratado, como o próprio tradutor aponta em sua nota “traduzir é uma tarefa imperfeita por sua própria natureza” (p. 9).

Nestor de Figueiredo (2021), doutor em Ciências da Religião, resenhou a obra, destacando problemas técnicos como ortografia, digitação e diagramação. Ele discute a escolha da tradução de "lectures" como 'conferências', sugerindo que 'preleções' seria mais apropriado. Figueiredo lamenta a perda da voz do autor devido à objetivação gramatical. Ele também menciona que a edição original de 1870 não corresponde à versão traduzida e destaca a importância de esclarecer essa discrepância, contudo o tradutor destaca essa questão na Nota do Tradutor, esclarecendo logo na primeira frase que a tradução corresponde à segunda edição da obra lançada em 1899 pela editora Longmans, Green, and Co. (p. 9).

Após os itens citados, Müller assume o texto e o inicia com o Prefácio da obra, adicionado na primeira reedição inglesa de 1873, no qual ele esclarece sua ideia de que o caráter científico contribui para o conhecimento e apreço do horizonte religioso. Logo, na Primeira Conferência (ou preleção), ele escolheu o tema da Ciência da Linguagem, como auxiliar importante no estudo comparado das religiões e no entendimento das religiões mais antigas, ainda, explicita como os estudantes da Ciência da Religião devem sistematicamente se empenhar afim da imparcialidade. Nesse sentido, compreendemos o caráter científico que atribui aos estudos de religião, a preocupação com a metodologia e neutralidade nos estudos comparados de religião fortalecem a ideia de que Max Müller fosse ser considerado o pai da Ciência da Religião.

Já na Segunda Conferência ele aborda as religiões a partir de suas tradições escritas, como religiões do livro, o que captura a ideia de que o texto é o material de estudo da Ciência da Religião. Outro ponto que pode ser observado é como Müller fez trabalho de traçar o caminho do estudo que eventualmente chegaria na Ciência da Religião, sem realmente estar inaugurando a disciplina. Também apresenta diferentes tipos de classificação das religiões, verdadeiras ou falsas, reveladas ou naturais (considerando-as classificações inúteis para fins científicos). Sobre as religiões naturais, apesar de desconsiderar esse tipo de classificação, constata que “depois de remover o que era peculiar a cada uma, restavam certos princípios de que todas compartilhavam” (p. 129), além de

destacar que, com exceção do Cristianismo (que transcende seu caráter natural), todas as religiões seriam consideradas naturais. De modo irônico, as conferências dão a entender uma busca para encontrar (inserir) semelhanças nas religiões mencionadas, atribuindo-lhes verdade cristã. Classifica algumas como infantis e femininas por afastarem do cristianismo. Apresenta as classificações como nacionais e individuais, politeístas, monoteístas, dualistas, henoteístas e ateístas com relevância científica.

Na Terceira Conferência atribui o papel central da religião na formação e organização das nações. Segundo Müller “é a linguagem e a religião que formam um povo, mas a religião é um agente ainda mais poderoso que a linguagem” (p. 147), assim, explica que um povo se faz a partir de uma mitologia, da religião como algo tangível, e que há uma dependência clara da religião em relação a linguagem para sua expressão externa, além de que durante as primeiras eras, a religião era considerada uma fala sagrada da linguagem humana. Neste momento Müller analisa os assentamentos originais das línguas e fala sobre como a linguagem deixou de ser natural, passando a ser um discurso histórico, com influências políticas e religiosas. No decorrer da conferência realiza análise filológica dos nomes de divindades de diferentes tradições e encontra em todas uma compreensão comum do ‘infinito’, similar ao Deus cristão.

Por fim, a Quarta Conferência tem a intenção de desvelar com clareza o “espírito correto no qual as religiões antigas devem ser estudadas e interpretadas” (p. 227). Max Müller reveza entre o que parece ser uma crítica ao modo de nesta época abordarem as religiões - colocando suas próprias convicções como superiores e as demais inferiores - e sua condição histórica, condicionada pela cultura da época. Em um momento diz “que não há religião que não contenha alguns grãos de verdade” (p. 231), em outro diz que, recorrendo a um hino do Rigveda (da religião hindu), “um homem que sentia como nós sentimos [...] um hindu de pele escura [...] e certamente um homem que, no nobre exercício dos profetas, merece um lugar ao lado de Davi” (p. 235). Isso se sustenta em uma passagem citada no texto, sobre Deus não fazer acepção de pessoas. Ao considerar que todas as pessoas são iguais perante Deus e não reconhecer as diferenças inerentes à gênero, classe, etnia, entre outros, adota-se uma epistemologia

androcêntrica monoteísta das tradições das religiões históricas, do grupo dominante. Isso implica uma não responsabilização social e pessoal pelas diferenças existentes entre as pessoas. É como articular nas experiências subjetivas um tipo de fenômeno divino e experiências naturais humanas, com prevalência do espírito sobre a matéria (Gebara, 1997). Dessa forma, uma leitura acrítica e sem caráter interseccional apaga a subjetividade e a existência humana singular.

É preciso evitar anacronismos, Max Müller foi um ‘homem de seu tempo’, contudo, ao ler a obra em 2023 é impossível ignorar a compreensão contemporânea com a qual consumimos qualquer conteúdo. Não há intenção de invalidar a obra, muito menos de questionar a relevância que o autor teve em seus diferentes campos de estudo. Porém, não é razão essa para consumir de forma passiva o conteúdo de obras clássicas, é preciso ser crítico e transgredir noções arcaicas que reproduzem discursos imperialistas. Não é justo ser uma leitora neutra, uma existência neutra. Temos autonomia sobre o que lemos e o que consumimos. “A leitura crítica do mundo é um *quefazer* pedagógico político indicotomizável do *quefazer* político-pedagógico, isto é, da ação política que envolve a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade” (Freire, 2015, p. 47). Não há neutralidade no *quefazer*, é importante pensar a favor de que e de quem fazemos ciência.

De volta à obra, após enunciar hinos das religiões antigas, ressaltando a natureza comum e parcela de verdade em todas, pela primeira vez Müller, em um lampejo de ousadia, professa uma dura crítica ao cristianismo

Pode ser verdadeira uma religião [...] que entregou homens de santa inocência às chamas [...]? Pode ser verdadeira uma religião que escondeu os mesmos crimes inomináveis por trás dos muros sagrados de mosteiros? (Müller, 2020, p. 283).

Em seguida diz que antes de julgar qualquer religião é necessário que a estude pela mente de seu fundador, e quando isso não é possível, que vá aos marginalizados para aprender com eles. Constata que há verdade nas religiões populares, é onde a religião realmente acontece, não nas faculdades ou nos conselhos de sacerdotes. Isso aparece como um suspiro, afinal, Müller reconhece o valor de resgatar as experiências subjetivas e populares no encontro com a

religiosidade, o que se distancia de grande parte do discurso que deixou escapar nas entrelinhas de sua neutralidade e objetividade científicas. Em seguida, porém, Müller retorna aos seus hábitos e diz (sobre a religião) “por mais imperfeita, por mais infantil que seja, ela sempre coloca a alma humana na presença de Deus”. Podemos pensar se o autor se esbarra em problema de limitação linguística, que o impede de expressar suas ideias com menos condescendência evolucionista.

Uma última passagem que vale ser mencionada diz: “como uma criança que cresce na idade adulta precisa desaprender o idioma do berçário, sua religião também deve ser traduzida de um feminino para um dialeto mais masculino”. A utilidade de uma sentença como tal é movimentar estudiosos para construção argumentativa do porquê e do como devemos superar as epistemologias coloniais. De acordo com as ideias pós-coloniais de Santos (2006 *apud* Loiola, 2011, p. 161), a “epistemologia moderna é positivista (neocientista) e favorece o afastamento do sujeito da realidade”. O pós-colonialismo pressupõe uma aproximação entre estudos da religião e ciência, ao mesmo tempo que propõe uma revolução paradigmática orientada para “uma nova ecologia dos saberes” (Loiola, 2011, p. 161-162). Não há chance verdadeira de neutralidade científica, quando produzimos e consumimos ciência fazemos isso com toda a carga de experiências subjetivas, em uma realidade ontológica, próprias do nosso ser. Dessa forma, revelamos um tanto de quem somos através dos vieses que utilizamos para fazer uma leitura e análise crítica. Fica claro, então, que lutas pessoais são travadas nesse exercício, por isso esta representa uma interpretação crítica (eco)feminista, decolonial e ininterseccional da obra clássica de Max Müller.

O formato de ciência que conhecemos vem desde sua origem sendo produzida a partir do chamado de “visão de Deus” (Harraway *apud* Adrião, 2015). Uma visão “de cima”, como algo objetivo e universal. Algumas perspectivas foram historicamente privilegiadas na posição de objetivas e outras foram subjugadas e passaram a ser tratadas como subjetivas, um nome para esse fenômeno é “violência epistemológica” (Adrião, 2015). Da mesma forma o discurso religioso cristão continua sendo eminentemente antropocêntrico, androcêntrico, branco e ocidental (Gebara, 1997). É importante que nos movimentemos de modo a alterar esta realidade.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Karla Galvão; FINE, Michelle. Feminismo, psicologia e justiça social: um encontro possível? Uma entrevista com Michelle Fine. **Psicologia Social**. Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 479-493, dez. 2015.

FIGUEIREDO, Nestor de. Resenha: Introdução à Ciência da Religião. **REVER**, São Paulo, v. 21 n. 1, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. (Org. Ana Maria de Araújo Freire). 2 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. 1 ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

LOIOLA, José Roberto Alves. Pós-colonialismo e religião: possibilidades metodológicas. **Caminhos**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 159-159 174, jan./jun. 2011.

MÜLLER, Friedrich Max. **Introdução à Ciência da Religião**. Tradução de Brasil Fernandes de Barros; editoração e comentários críticos de Fabiano Victor Campos. Belo Horizonte: Senso, 2020.